

POLÍTICA

Falante, descontraído, sem a carranca dos últimos tempos, o presidente mudou para melhor. Entre os motivos, o Novo Cruzado, a entrevista e o mandato.

Sarney: de volta o bom humor.

O presidente José Sarney mudou, é outra pessoa, a tensão sumiu, ele está "seguro, remojado e exuberante", como contou o deputado Francisco Amaral, ontem, depois de uma audiência com o presidente. Mas quem explicou os motivos da grande mudança foi o médico de Sarney, Messias Araújo, que se confessou contagiado com o comportamento do cliente: "Ao fixar seu mandato, lançar o novo



Cruzado e, principalmente, depois da entrevista de quarta-feira, o presidente superou os problemas que o afligiam e isto repercutiu positivamente no seu aspecto psicossomático. Ele está muito bem.

A mudança foi tal que o bom humor presidencial foi a grande vedete, ontem, no Palácio do Planalto. Todos notaram. Comentários eram ouvidos nos corredores, salas, garagens, elevadores, saídas das bocas de assessores, secretárias, motoristas e ascensoristas, além dos quatro ministros, dois governadores, três senadores e 23 deputados recebidos em audiência.

Além das citadas, mais duas fontes do bom humor presidencial foram identificadas: uma na reação favorável do deputado Ulysses Guimarães à sua entrevista, e outros elogios feitos pelos ministros militares, logo depois de falar à imprensa.

O médico Messias Araújo citou ainda como fatores coadjuvantes do bom humor de Sarney o fato de seus recentes exames de saúde, em São Paulo, terem dado bons resultados, e a retomada das caminhadas e exercícios na esteira do Palácio da Alvorada. E a volta da filha Roseana ao trabalho no Planalto, hoje, "já totalmente restabelecida da cirurgia", deverá aumentar a tranquilidade do presidente, previu o médico.

Bronzeado, o presidente chamou a atenção do colunista social Ibrahim Sued, que o notou bem menos tenso no banquete oferecido ao primeiro-ministro da Espanha, Felipe Gonzalez. "E com o cabelo impecavelmente penteado, como no casamento", observou o colunista.

Já o deputado José Elias Murad (PTB-MG) disse ter encontrado Sarney "sorridente

te e descontraído", confiante no sucesso do novo Cruzado e disposto a "deixar o retraimento e a ficar mais agressivo".

E o senador Carlos Chiarelli (PFL-RS) deu esta explicação para a mudança: "Ele tomou uma posição, rompeu um círculo e tomar decisões sempre faz bem, o que angustia é a indefinição". Ao sair da audiência, Chiarelli disse que Sarney escolheu o caminho possível. E "no prazo de 90 dias que

temos precisamos agir para que tudo dê certo, pois a inação é que é trágica".

A felicidade estampada no rosto presidencial preocupa, no entanto, sindicalistas que temem o arrocho salarial e empresários que temem a recessão. Um líder sindical comentou que "Sarney no momento, parece que é o único brasileiro feliz e despreocupado".

Sarney voltou a criticar os parlamentares que tomam o tempo da Constituinte com "questões menores", acusando-os de serem excessivamente individualistas, cuja preocupação maior é deixar sua marca na nova Carta Magna. Por essa razão a Constituinte perde em objetividade, desabafou ele ao deputado Aécio Neves (PMDB-MG), a quem reafirmou sua disposição e "dever" de opinar publicamente sobre a Constituinte.

O deputado Lúcio Alcântara (PFL-CE), também recebido em audiência, disse que Sarney está preocupado com a radicalização nos trabalhos das comissões.

Outro recebido, o deputado Expedito Machado (PMDB-CE) disse ser impossível evitar a aprovação de um novo regime para substituir o presidencialismo clássico, apesar das restrições de Sarney. Para o deputado, porém, a preocupação do presidente é com o parlamentarismo clássico, "que daria ao presidente o status de rei, que reina mas não governa". E esse, segundo ele, não será o regime a ser adotado e sim uma mistura de presidencialismo com parlamentarismo. Expedito atribuiu ainda a "um bloqueio mental" a proposta do líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, de transformar Ulysses Guimarães em primeiro-ministro do novo regime.

Maciel insiste na idéia de um pacto. E consegue um interlocutor crítico: Covas.

Embora avise que não tem propostas concretas a fazer, o senador Mário Covas admite sentar-se à mesa de negociações de um pacto, se isso ajudar na solução da crise.

Apesar da frieza e do ceticismo com que a idéia foi recebida entre a classe política, o senador Marco Maciel, coroado articulador do presidente José Sarney com vistas à obtenção de um pacto político, voltou a defender ontem a proposta, como "forma de consolidação das bases de um Estado democrático".

A insistência do senador pefelista acabou lhe rendendo, ontem, pelo menos a aceitação teórica de ninguém menos que o senador Mário Covas: para não ser acusado de radical, Covas dispôs-se a sentar-se à mesa de negociações para discutir essa nova proposta de pacto político. O senador peemedebista avisou: não tem qualquer proposta concreta sobre o assunto, mas, na tentativa de "formular saídas" para a grave crise em que o País se encontra, não se negará a conversar sobre um pacto.

A manifesta boa vontade do senador paulista, contudo, não lhe acrescenta qualquer esperança maior de viabilização da proposta. A começar, argumenta Covas, pelo recente pacote econômico, e especialmente por suas consequências sociais negativas, traduzidas em "arrocho salarial" neste momento, nada contribui para um tão amplo entendimento.

"A sociedade estava cobrando medidas econômicas há meses, e acabou levando uma pedrada", disse Covas sobre o Novo Cruzado, que, para ele, foi a forma que o governo encontrou para acabar com o gatilho salarial.

Sobre a entrevista coletiva que o presidente da República concedeu na quarta-feira, Covas observou diferenças de tratamento presidencial quanto a pelo menos duas diferentes questões: "O presidente

considera encerrada a questão do mandato (de cinco anos), mas não a da forma parlamentar de governo, também aprovada pelas comissões da Assembleia Constituinte", disse. Covas acrescentou que "nenhuma questão pode ser considerada ainda definida pela Constituinte".

Outro alvo: Ulysses

De seu lado, na entrevista que deu, o senador Marco Maciel também abordou o parlamentarismo, ontem, mas naturalmente sob outro enfoque. Para Maciel, "não é exato que no Brasil o Executivo seja forte, pois o que ocorre é que os outros poderes poderão ser fracos". O senador voltou a desfiar restrições quanto a um parlamentarismo à brasileira — isso "pode gerar uma dualidade prejudicial ao País", opinou —, mas acabou, mesmo, repisando a idéia do pacto político: "Na minha opinião", enfatizou o senador, esse pacto "deve ser negociado inicialmente pelos partidos, para que seja exequível. Uma negociação política, como se sabe, pressupõe a fixação de alguns objetivos comuns aceitáveis para todos os interessados", lembrou. Outro ponto repisado por Marco Maciel foi sua disposição de dialogar com "todos os partidos, a começar pelo presidente do PMDB, Ulysses Guimarães".

Talvez levado pelo entusiasmo com a idéia do pacto (e a missão conferida por Sarney), Maciel parecia esquecido, ontem, de mencionar os problemas que estão emergindo em seu próprio partido, o PFL. Ainda ontem, representantes do grupo dito moderno do partido (formado, entre outros, pelos parlamentares Ricardo Izar, Lúcio Alcântara, José Jorge e Guilherme Palmeira) foram procurá-lo, insistindo na necessidade de



O PMDB inclui o debate da crise em sua convenção de julho

um novo estilo partidário com vistas às eleições municipais previstas para o próximo ano. A nova fase de dinamização pefelista, endossada por Maciel, deve ser abordada na reunião partidária marcada para a próxima terça-feira.

Enquanto isso, a grave crise nacional, se leva, de um lado, o senador Maciel a perseguir a formação de um pacto, levará hoje ao Recife o vice-governador de São Paulo, Almino Affonso, para conversações com o governador pernambucano, Miguel Arraes. No domingo, o vice-governador do Estado fará uma escala em Salvador, para o mesmo tipo de diálogo com o governador baiano, Waldir Pires. Affonso deve voltar a São Paulo no domingo à noite.

Mandato de quatro anos

Depois de confirmar as datas de 18 e 19 de julho para sua próxima convenção nacional extraordinária, a executiva nacional do PMDB acrescentou ontem dois novos temas à pauta de debates do encontro. Além da duração do atual mandato presidencial e o sistema do governo, assuntos já previstos, a convenção abordará também "O PMDB e a conjuntura econômico-social" e "O PMDB na Constituinte — problemas programáticos". No primeiro dia da convenção, haverá um simpósio sobre problemas sócio-econômicos sob a coordenação do senador Severo Gomes.

Quanto ao mandato presidencial, o presidente do partido, Ulysses Guimarães, admitiu claramente, ontem, que, vença a tese de quatro ou de cinco anos para o presidente Sarney, ou o sistema parlamentarista ou presidencialista, "todos" os peemedebistas deverão defender as alternativas vitoriosas na Constituinte.